

JÚPITER ORADOR: A RETÓRICA DIVINA NAS *METAMORFOSES* DE OVÍDIO

JUPITER, THE ORATOR: DIVINE RHETORIC IN OVID'S *METAMORPHOSES*

Eliel Almeida SOARES*
Paulo Eduardo de Barros VEIGA**

RESUMO: Analisando os versos de número 163 a 252 do Livro I das *Metamorfoses* de Ovídio, procuramos verificar os efeitos retóricos no discurso persuasivo de Júpiter, que convence os deuses a votar a favor do dilúvio, contra a humanidade que se tornou cruel e ímpia. Nessa passagem, Ovídio coloca Júpiter, o deus supremo, na função de um orador dotado de qualidades excepcionais, incluindo um *éthos* inquestionável. Nesse episódio, um tema possível é a metamorfose dos ânimos, uma vez que as opiniões foram transformadas pela retórica eficiente do deus-orador. Ademais, narra-se a metamorfose de Licaão em lobo, figura que simboliza a índole da raça humana: feroz e sanguinária. O escopo teórico tem como base o pensamento de Aristóteles sobre Retórica, sem dispensar alguns comentadores modernos, quer sobre a poética ovidiana, como Anderson, quer sobre os estudos retóricos, como Meyer. Ademais, inclui-se uma tradução do excerto com notas explicativas, a fim de elucidar o texto latino a um público amplo. Em anexo, também se apresenta o excerto traduzido pelo poeta Bocage, a fim de propiciar ao leitor uma experiência poética de leitura, em equivalência expressiva com os versos ovidianos.

PALAVRAS-CHAVE: Poética. Retórica. Ovídio. As *Metamorfoses*. Tradução.

ABSTRACT: Analyzing verses 163 to 252 of Book I of Ovid's *Metamorphoses*, we verify the rhetorical effects in the persuasive speech of Jupiter, who convinces the gods to vote for the Flood, against the cruel humanity. In this passage, Ovid poetically places Jupiter, the supreme god, in the role of an orator endowed with all qualities, including an unquestionable *éthos*. In this episode, one possible theme is the metamorphosis of affections, since opinions were transformed by the efficient rhetoric of the god-orator. It also narrates the metamorphosis of Lycaon into a wolf, a figure that symbolizes the nature of the human race: ferocious and bloodthirsty. The theoretical scope is based on the thoughts of Aristotle on Rhetoric, as well as on some pertinent comments from modern thinkers, either on Ovidian poetics, as Anderson, or on rhetorical studies, as Meyer. In addition, a translation of the excerpt with explanatory notes is included in order to elucidate the Latin text for a wide audience. It also presents the excerpt in Latin translated to Portuguese by the neoclassical poet, Bocage, in order to provide the reader with a poetic reading experience, in literary equivalence with the Ovidian verses.

KEYWORDS: Poetic. Rhetoric. Ovid. The *Metamorphoses*. Translation.

* Doutor em Música pela Universidade de São Paulo (USP); pós-doutorando em Música pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). E-mail: eliel.soares@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6351-6694>.

** Doutor em Estudos Literários pela FCLAr-UNESP e pós-doutorando do Departamento de Música da FFCLRP-USP, sob apoio da FAPESP (Processo nº 2018/01418 -2, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). E-mail: pauloveiga@usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1250-8237>.

1. Introdução

O melhor orador é, de fato, aquele que, discursando, ensina, agrada e convence as mentes dos ouvintes¹.

(Cícero. *De optimo genere oratorum*, I, 3).

Neste artigo, analisam-se os versos de número 163 a 252 do Livro I das *Metamorfoses* de Ovídio sob o ponto de vista da Retórica. Nesse trecho, mais especificamente, acontece o consílio dos deuses, no Olimpo, em que preside Júpiter, o deus supremo, que julga o destino da raça humana, réu de crimes terríveis. Procura-se verificar, a partir das reflexões de Aristóteles dispostas em sua *Retórica*, os recursos persuasivos empenhados por Júpiter para convencer os deuses a votarem contra a humanidade, a favor do dilúvio. Com essa decisão, os seres humanos, cruéis, são exterminados, para que se possa haver a reconstrução de uma nova humanidade, mais benévola e respeitosa, que não desestabilize, pois, a ordem do mundo. O excerto é precedido pela gigantomaquia, episódio em que Júpiter, com o raio, enfrenta os gigantes e preserva sua soberania sobre o mundo e o Olimpo. Já nos versos seguintes, ocorre a cena do dilúvio, em que a terra inteira é inundada, e a raça humana é aniquilada pelas águas. No entanto, sobrevive um casal de boa índole, Deucalião e Pirra, que restaura uma nova humanidade. Acrescenta-se que as *Metamorfoses* de Ovídio podem ser entendidas como um longo poema contínuo (*carmen perpetuum*), composto de 11.995 versos, agrupados em quinze livros². Logo, o recorte do *corpus* estabelecido neste artigo é uma sugestão temática, para que se possa analisar uma passagem específica que seja pertinente aos estudos retóricos, a fim de observar, mais detalhadamente, procedimentos persuasórios.

À guisa de contexto, as *Metamorfoses* conectam diversos mitos a partir do tema da transformação, com início na criação do mundo físico, com o Caos (I, 05-20), depois de ter feito a proposição e a invocação iniciais (I, 01-04). O excerto em análise encontra-se no Livro I das *Metamorfoses*, cujo tema mais geral é a cosmogonia, por assim dizer, um conjunto de mitos que procura explicar a origem do universo, como a separação dos elementos cósmicos e as transformações das Idades do mundo. Em outras palavras, a cosmogonia ou cosmogênese é uma reunião de mitos que se ocupam em explicar a origem do universo e dos primeiros seres, chegando até as últimas formas da raça humana. Após o relato em que se abordam as quatro

¹ No original: “*Optimus est enim orator qui dicendo animos audientium et docet et delectat et permouet*”. Todas as traduções acompanhadas de texto original são nossas, exceto quando mencionado o nome do tradutor.

² A divisão da obra em quinze livros, como se apresenta ao leitor, não precisa ser necessariamente entendida como uma partição do poema, que mantém sua unidade temático-estilística. Ainda, essa disposição pode sugerir uma superestrutura épica e possibilitar um diálogo – até provocativo – com outras obras épicas gregas e romanas (MERLI, 2004, p. 305), inferindo, portanto, questões narrativas estratégicas (HOLZBERG, 1998, p. 88).

idades do mundo, ganham destaque a gigantomaquia, o consílio dos deuses, o episódio de Licaão e o dilúvio enviado por Júpiter para a Terra. Em seguida, conta-se, com mais detalhes, sobre o repovoamento da humanidade, por Deucalião e Pirra, únicos sobreviventes do imenso cataclismo. Para além de nosso recorte, à guisa de contextualização do Livro I, ainda se relata sobre os monstros que surgem na Terra. Nesse momento da história, surge a terrível serpente Píton, o que dá ensejo para contar a história de Apolo e a transformação de Dafne em árvore. Depois, é narrada a transformação de Io em vaca, que, embora possua corpo de animal, mantém a consciência humana. Io é observada constantemente por Argos, o monstro de muitos olhos sempre atento, a mando de Juno, incomodada com a amante do deus olímpico. Por meio de uma digressão, também se conta a história de Pã e Siringe. Por fim, diante da dúvida posta por Épafo de que Faetonte não seria filho de Apolo, começa o episódio sobre o palácio do Sol e a queda do jovem, história que continua no Livro II.

Em relação ao excerto em estudo, que se insere no Livro I, narra-se a ação jurídico-retórica de Júpiter, que pede apoio dos outros deuses para o envio do dilúvio contra a humanidade, tal qual uma petição em um processo jurídico, cuja pena máxima é a inundação da Terra, que se tornará apenas mar (“*Omnia pontus erant*”³, I, 292). A intenção de Júpiter não é, na verdade, destruir a humanidade, mas recriá-la. Para isso, aniquilam-se os seres humanos ímpios antes que eles próprios destruam tudo por causa dos crimes, das traições e da violência. Por essa razão, Júpiter opta pelo dilúvio, ao invés de utilizar seu potente raio, pois o fogo poderia tudo corromper (I, 253-258); já as águas, passíveis de controle, permitem uma recriação. Assim, o dilúvio não representa a destruição de tudo, mas o retorno às origens para que, em seguida, a vida humana seja, de fato, preservada, podendo haver uma segunda chance.

Em Ovídio, o dilúvio pode ser entendido como a execução da sentença dada por Júpiter (“*sic stat sententia*”⁴, I, 241). A humanidade, portanto, deve padecer a inundação para que possa ser recriada e continuar existindo. Um possível paradoxo advindo da ideia “destruir para recriar” pode ser esclarecido mediante a qualidade restaurativa do elemento água, em oposição ao fogo, de caráter mais irreversível. Ademais, em um sentido mais genérico, para além da obra de Ovídio, acrescenta-se que:

Dentre os cataclismos naturais, o dilúvio se distingue por seu caráter não definitivo. Ele é o sinal da germinação e da regeneração. Um dilúvio não destrói senão porque as formas estão usadas e exauridas; mas ele é sempre seguido de uma nova humanidade e de uma nova história. Evoca a ideia de reabsorção da humanidade na água e de instituição de uma nova época, com uma nova humanidade. (...) O dilúvio está muitas vezes ligado às faltas da humanidade, morais ou rituais, pecados,

³ “Tudo era mar”.

⁴ “Assim, firma a sentença”.

desobediência das regras e das leis. (...) O dilúvio revela como a vida pode ser valorizada por uma outra consciência que não a consciência humana... a vida humana apreço como uma coisa frágil, que cumpre reabsorver periodicamente, pois que o destino de todas as formas é dissolver-se a fim de poder ressurgir. Se as formas não fossem regeneradas pela sua reabsorção periódica nas águas, elas se desagregariam progressivamente, elas esgotariam suas potencialidades criadoras e se extinguiriam definitivamente. As perversidades, os pecados acabariam por desfigurar a humanidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 339).

Não sendo definitivo, como o fogo, que queima e transforma a matéria, os líquidos regeneram. Trata-se do retorno ou da recriação. Ademais, esse cataclismo é consequência não da fúria de Júpiter (que, em algum momento, pondera – racionalmente), mas das faltas dos homens dedicados às violências, haja vista os episódios anteriores da gigantomaquia e da idade de ferro. O dilúvio, em suma, é a renovação dessa raça humana, nascida do sangue dos terríveis gigantes (“*e sanguine natos*”⁵, I, 162), daí a índole brutal. Vale lembrar que, caso Júpiter não tivesse tomado essa medida drástica, todos, incluindo deuses e semideuses, correriam perigo, pois ninguém estaria a salvo (I, 196) da humanidade ímpia e violenta. Assim, o dilúvio, não sendo destruição em si, senão da humanidade, refaz um processo cosmogônico, mais uma etapa no movimento da criação e estabelecimento da ordem do mundo.

A seguir, dispõe-se a nossa tradução em prosa dos hexâmetros⁶ 163 a 252, com notas de rodapé contextuais, que visam dar apoio à análise literária. Acrescentam-se, em anexo, o excerto latino, estabelecido por Georges Lafaye, nas edições *Les Belles Lettres*, e a tradução feita por Bocage, que proporciona uma dimensão poética, principalmente do que seria o equivalente da obra ovidiana em língua portuguesa, ainda mais, em versos decassílabos, com pendor aos efeitos expressivos do texto original. Por fim, explica-se que este texto provém da pesquisa de doutorado (VEIGA, 2017), tendo sido revisado, corrigido, ampliado e atualizado, incluindo uma escritura a quatro mãos, com vistas à retórica.

2. Tradução dos hexâmetros 163 a 252 do Livro I das *Metamorfoses* de Ovídio

A tradução em prosa do excerto da poesia de Ovídio não tem pretensões estilísticas, senão uma preocupação em garantir a fidelidade das ações narrativas, procurando manter o português, na medida do possível, o mais próximo possível do texto de partida, principalmente em relação ao contexto semântico. Ademais, as notas de rodapé foram produzidas com a intenção de explicar, sucintamente, passagens com referências míticas que possam ser mais desafiadoras

⁵ “(...) nascidos do sangue”.

⁶ As *Metamorfoses* de Ovídio foram escritas, majoritariamente, em hexâmetros datílicos, compostos por seis pés métricos. Os quatro primeiros pés podem ser dátilos (- ~ ~) ou espondeus (- -). O quinto, no caso do hexâmetro datílico, é sempre um dátilo, por isso o seu nome. O sexto pé varia entre um troqueu (- ~) ou um espondeu.

para um público bem amplo, que não necessariamente tenha familiaridade com essas histórias. Reforça-se que, em anexo, encontra-se a tradução de Bocage, mais adequada ao falante do português que deseja uma leitura poética da obra ovidiana.

“Quando o pai satúrnio⁷ viu aquilo, da alta abóbada, gemeu e, recordando o asqueroso conviva da mesa de Licaão⁸, ainda não divulgado por ser ação recente, contraiu no ânimo cóleras terríveis e dignas de Júpiter; e convoca uma assembleia. Nenhuma demora reteve os convocados. Há um caminho elevado, evidente no céu sereno. Tem o nome de Láctea⁹, notável pela sua brancura. O caminho por ali vai aos deuses até aos tetos do grande Tonante¹⁰ e à casa real. À direita e à esquerda, honram-se as moradas dos deuses nobres, de portas abertas. A plebe¹¹ habita lugares diferentes. Os deuses potentes dispuseram os seus penates¹² na frente e nas imediações. Este é o lugar que, se a audácia fosse dada às palavras, eu não hesitaria em chamá-lo de Palatino do grande céu¹³. Assim, logo que os deuses sentaram em um recanto marmóreo¹⁴, ele, no lugar mais alto, apoiado no cetro ebúrneo¹⁵, sacudiu três ou quatro vezes as terríveis madeixas da cabeça, com isso moveu a terra, o mar, as estrelas. Então, abriu a boca indignada com tais termos:

“Eu não estava mais ansioso pelo governo do mundo naquele tempo, quando cada um preparava lançar os cem braços de gigantes ao céu prisioneiro, pois, ainda que o inimigo fosse feroz, aquela guerra dependia, porém, de um só corpo e de uma só origem. Agora, por toda a terra onde Nereu¹⁶ ressoa, a raça mortal deve ser destruída por mim. Juro, pelos rios infernais¹⁷, que deslizam sob as terras na floresta estígia: tudo foi tentado antes, mas a ferida incurável deve

⁷ Júpiter, filho de Saturno.

⁸ Licaão serviu a Júpiter comida humana, a fim de testar a onisciência divina. Profundamente triste com a raça humana, Júpiter transformou Licaão em lobo e destruiu sua casa e seus filhos, com exceção de um, vítima dos irmãos (HOWATSON, 2005, s. v.). Licaão representa o estopim da credulidade de Júpiter em relação à humanidade. Depois desse fato, Júpiter envia o dilúvio, a fim de destruir toda a raça humana. Ovídio, nesse momento, adianta o relato, demonstrando a onisciência do deus do Olimpo, que conhece o futuro.

⁹ É pela Via-Láctea ou Galáxia “que se vai ao palácio de Júpiter, e que os heróis entram no céu; à direita e à esquerda estão as habitações dos deuses mais poderosos” (COMMELIN, [19--], p. 75).

¹⁰ Júpiter.

¹¹ Há, entre os deuses, uma distinção hierárquica: deuses que pertencem à nobreza e os que são a plebe e vivem mais afastados do Palácio central. Por meio de um símile, aproximam-se os deuses ao modelo romano.

¹² Os penates são deuses escolhidos pelas famílias, em geral, figuras de grandes deuses ou grandes homens deificados. “Em cada habitação, reservavam-lhes um lugar, ao menos um retiro, quase sempre um altar e algumas vezes um santuário” (COMMELIN, [19--], p. 128).

¹³ Trata-se do palácio do rei dos deuses.

¹⁴ O Consílio encontra-se em uma sala de mármore, que lembra a decoração romana da época de Augusto (ANDERSON, 1998, p. 170). Também, Balsley (2011, p. 53) afirma que o “mármore era a característica que definia as construções realizadas pelo imperador Augusto.”

¹⁵ O cetro representa a imagem do poder real (ANDERSON, 1998, p. 170).

¹⁶ Nereu, filho de Oceano e de Tétis, é um deus marinho, anterior a Netuno (FERRARI, 1990, p. 496). Por extensão de sentido, Nereu, no trecho, pode ser entendido como o mar.

¹⁷ “Quando o próprio Júpiter jura pelo Estige, a sua palavra é irrevogável” (COMMELIN, [19 --], p. 137). O Estige, assim como o Aqueronte, o Cócito e o Flegetão, é um dos rios infernais. Assim, jurar pelos rios infernais é assumir um compromisso que jamais pode ser desfeito.

ser cortada com a espada, para que não arruíne a parte pura. Os semideuses estão comigo, as divindades rústicas, as ninfas, os faunos, os sátiros e os silvanos serranos; já que ainda não os julgamos com a honra do céu, permitamos habitar, ao menos, as terras que demos. Acaso, ó deuses, acreditais que estarão suficientemente a salvos, depois de Licaão, famoso pela selvageria, ter maquinado insídias contra mim, que tenho o raio e que vos guio?”

Todos murmuraram e, com opiniões inflamadas, exigem a pena de quem ousou tais coisas¹⁸. Assim, quando a mão ímpia exaspera em extinguir o nome de Roma com o sangue de César¹⁹, a raça humana ficou atônita com tamanho medo de súbita destruição, e todo o mundo estremeceu. Nem a piedade dos teus, a ti, ó Augusto²⁰, foi menos grata do que foi aquela a Júpiter. Depois que, com a voz e com a mão, acalmou os murmúrios, todos fizeram silêncio. Quando o clamor parou, contido pela autoridade do regente, Júpiter quebrou, novamente, o silêncio com este discurso: “Ele, por certo, pagou as penas, abandonai esta inquietação. Porém, mostrarei qual foi o crime, qual a punição.

A perversidade desse tempo alcançara os nossos ouvidos. Desejando ser falsa, desço do alto Olimpo²¹ e percorro as terras, deus sob imagem humana. Uma longa demora seria enumerar quanta descoberta de crime por toda a parte: a verdade foi pior que a própria perversidade. Eu passei o Ménalo²², horrendo pelos covis das feras, e os pinhais do gélido Liceu²³, com Cilene²⁴. Ali, adentrei as sedes e os tetos inospitais do tirano da Arcádia²⁵, quando o fim do crepúsculo arrastava a noite. Dei sinais de que um deus chegava, e o povo começou a rezar. Licaão²⁶, primeiramente, ri das preces sagradas. Então, ele diz: “Testarei, com clara distinção, acaso seja mortal este deus. A verdade não será questionada”. De noite, enquanto estava eu em um sono pesado, planeja matar-me com morte inesperada: é este o teste da verdade que lhe agrada. Nem contente com isso, desuniu o pescoço de um certo refém enviado do povo de Molóssia²⁷, e assim também, parte dos membros ainda vivos, amoleceu em águas ferventes,

¹⁸ Trata-se dos crimes de Licaão, que testou a divindade de Júpiter.

¹⁹ César faz referência a Augusto, herdeiro do imperador Júlio César (ANDERSON, 1998, p. 172).

²⁰ Novamente, a comparação de Júpiter com Augusto, o imperador romano, que viveu entre 63 a. C. a 14 d. C. e foi responsável pela ascensão do império e florescimento das artes, período conhecido como de Ouro. Nessa época, vivia Ovídio.

²¹ O Olimpo é o lugar onde moram os deuses.

²² Ménalo é uma montanha da Arcádia (FERRARI, 1990, p. 459).

²³ Liceu é um monte da Arcádia (FERRARI, 1990, p. 424).

²⁴ Cilene é uma montanha da região da Arcádia. Nesse monte, diz-se que nasceu Mercúrio (SARAIVA, 2000, s. v.). Ovídio, assim, enumera três montanhas da Arcádia, sugerindo que Júpiter percorreria toda a região.

²⁵ O tirano da Arcádia seria Licaão, rei dessa região, quem Júpiter transformou em lobo. Vale ressaltar que o termo “tirano” enfatiza a violência do regente (ANDERSON, 1998, p. 173).

²⁶ Licaão, assim, é um rei da Arcádia, transformado em lobo por Júpiter devido aos crimes cometidos contra o deus. Querendo testá-lo, oferece-lhe carne humana (HOWATSON, 2005, s. v.).

²⁷ Região do Epiro, habitada pelos Molossos, atual Pandósia, no sudoeste da península balcânica (SARAIVA, 2000, s. v.).

parte assou com fogo embaixo. Ao mesmo tempo que o colocou nas mesas, eu, com chama vingadora, destruí, com o teto, os penates²⁸ dignos do senhor. Ele fugiu desesperado e, encontrado no silêncio dos campos, uiva e tenta falar em vão²⁹. Dele próprio, a boca colhe a raiva e serve-se de rebanhos, com desejo de massacre habitual; e, ainda hoje, rejubila com sangue. As vestes tornam-se pelos, os braços, pernas. Tornou-se lobo, mas conserva traços da forma antiga: o pelo grisalho é o mesmo, o mesmo rosto violento, os mesmos olhos ardentes, é a mesma a aparência de ferocidade. Uma casa caiu, mas só uma casa não foi digna de perecer, por onde a terra estende, a feroz Erínia³⁰ reina. Penses ter conspirado contra o crime: que entreguem rapidamente todos, que merecem sofrer castigos (assim firmo o decreto).

Aprovam, uma parte com voz alta, as palavras de Jove³¹ e lançam incitamentos; já outras partes rematam com aplausos. Ainda, a perda do gênero humano causa muita dor a todos, e questionam qual seria a forma futura da terra desprovida de mortais, quem levaria incensos aos altares, se se planeja abandonar as terras devastadas pelas feras. Questionado sobre tais coisas, de fato havendo de ser todo o restante preocupação sua, o rei dos deuses proíbe ter medo e promete uma geração diferente da população anterior, com origem admirável.”

3. Júpiter orador: análise retórica dos hexâmetros 163 a 252 do Livro I das *Metamorfoses* de Ovídio

Nos hexâmetros 163 a 252, narra-se a reunião dos deuses, no Consílio, presidido por Júpiter. Além disso, conta-se o julgamento, pelo deus do Olimpo, de Licão e, por consequência, da humanidade devota aos crimes, não mais às divindades. Em primeira pessoa, Júpiter toma Licão como o exemplo máximo da impiedade humana. Assim, discursando como um orador, Júpiter convence o público divino a apoiar a destruição dessa humanidade. No entanto, ainda havendo hesitações, principalmente em relação a quem os adoraria, uma vez que não haveria mais seres humanos na Terra, o deus onipotente promete estabelecer uma nova raça, de origem mais nobre, que seja devota aos deuses. Vale lembrar que foi do sangue dos terríveis gigantes (“*scires e sanguine natos*”³², I, 162) que nasceu essa raça violenta e ímpia, conforme o episódio

²⁸ “Os povos, nas suas migrações, não esqueciam de levar com eles, não somente o culto de seu país de origem, como principalmente as estátuas antigas, veneradas pelos seus antepassados. Esses ídolos ficavam sendo uma espécie de talismã nos novos Estados ou nas novas cidades, e eram chamados os deuses Penates” (COMMELIN, [19--], p. 128).

²⁹ Trata-se da metamorfose de Licão em lobo.

³⁰ As Erínies ou Fúrias ou Eumênides são “divindades infernais encarregadas de executar sobre os culpados a sentença dos juízes” (COMMELIN, [19--], p. 144). Ademais, Anderson (1998, p. 175) chama a atenção de que não se trata da Fúria que pune o mal, mas da representação da loucura criminosa que exige a atuação das Fúrias ou Erínies, castigadoras dos homens.

³¹ Júpiter.

³² “(...) sabes que nasceram do sangue”.

anterior.

Ovídio inicia o novo episódio descrevendo Júpiter como um deus observador. Do alto, ele vê a crueldade na terra e recorda-se do terrível caso de Licaão, que havia acontecido recentemente, sendo necessário ainda o seu relato, pelo pai onipotente, aos outros deuses. Por essa razão, Ovídio conta essa história pela boca – indignada – do deus supremo.

Logo no início do episódio, vale observar, conforme sugere Anderson (1998, p. 168), que o poeta, ao denominar Júpiter pelo epíteto “pai satúrnio” critica, ironicamente, o caráter do deus supremo, cuja linhagem é a de deuses que destroem os filhos, muito embora a raça humana não seja sua criação. Urano, afinal, impedia os filhos de nascerem; Saturno, pai de Júpiter, devorava os próprios filhos; e Júpiter deseja destruir a humanidade, com medo da descrença nos deuses e do excesso de violência contra a terra e o Olimpo. Logo, Júpiter se enfurece devido à impiedade humana. O trecho que afirma que o deus contrai no ânimo “cóleras terríveis e dignas de Júpiter” (“*Ingentes animo et dignas Ioue concipit iras*”³³, I, 166) demonstra que Ovídio caracteriza-o com um comportamento mais passional. O pai do Olimpo, em seu discurso, é primeiro furioso e indignado e, depois, racional. Inicialmente, a concepção que se tem de Júpiter, nesses versos, é a de um deus raivoso, que deseja punir os homens (ANDERSON, 1998, p. 168), a partir do exemplo de Licaão.

À guisa de ilustração, sem pretensão de estabelecer uma relação de igualdade entre o Zeus grego e o Júpiter romano, lembra-se do tragediógrafo grego, Ésquilo, que confere a Zeus um caráter austero, em sua tragédia *Prometeu acorrentado*. O deus supremo havia tomado o governo do mundo recentemente e castigado Prometeu, ordenando que fosse preso em altíssimos rochedos com correntes indestrutíveis. Logo no início da tragédia, a respeito de Zeus (*Diòs*), o personagem Hefesto explica ao Poder (*Kratos*):

(...) Διὸς γὰρ δυσπαραίτητοι
φρένες· ἅπας δὲ τραχὺς ὅστις ἄν
νέον κρατῆ.

(...) não se pode dobrar, pois, o coração de
Zeus; pelo contrário, todo novo senhor é duro.

(Ésquilo, *Prometheus Vincetus*, 34-35).

Zeus, portanto, assumindo o trono máximo, permanece severo como todo senhor recém chegado ao poder. Afinal, no contexto da poesia ovidiana, é recente o episódio da guerra de Júpiter com os gigantes, que resultou na vitória olímpica e na manutenção da ordem do mundo,

³³ “(...) contraiu no ânimo cóleras terríveis e dignas de Júpiter”.

pois os gigantes poderiam destronar Júpiter e queimar o Olimpo, tomando posse do governo universal. Nessa situação, é esperado que o deus soberano se posicione como um líder colérico. No entanto, em Ovídio, Júpiter não permanece somente colérico, mas coordena, com muito raciocínio, ponderação e planejamento, os seus desígnios. No contexto cosmogônico, Júpiter, sendo o soberano sobre a ordem do mundo e regente do cosmo, precisa agir vitoriosamente para que tudo – os deuses, os semideuses, os mortais, a natureza etc. –, afinal, permaneçam existindo. Para além da análise retórica, em relação à expressividade métrica, vale destacar que Ovídio, no hexâmetro 167, ao narrar a rapidez com que os convocados foram à assembleiadinha, constrói uma métrica que imprime rapidez ao verso, o que reforça, também, a autoridade do deus. O hexâmetro pode ser escandido da seguinte maneira:

cō¹ncīlī²ūmq̄³uō^{||}cāt⁴tēnī⁵īt⁶mōrā | nūllā⁵uō⁶cātōs

convoca uma assembleia; nenhuma demora reteve os convocados.

Observa-se uma quantidade expressiva de dátilos – pé utilizado, nesse verso, à exaustão, isto é, ao limite que comporta um hexâmetro, considerando que o último pé somente pode ser um troqueu ou um espondeu³⁴. Os deuses convocados, portanto, encaminharam-se com prontidão à assembleia, reforçando, assim, o temor a Júpiter, que detém autoridade máxima e um *éthos* inquestionável de deus orador.

Em seguida, nos versos 168 a 176, Ovídio descreve o palácio real e a disposição das casas dos deuses, divididos em classes, como o sistema social romano. Pode-se, assim, tecer uma comparação da organização dos deuses com a da sociedade romana, dividida, basicamente, entre patrícios e plebeus. Os deuses mais importantes, pois, equivaleriam à aristocracia. “*Ovid plunges the sublime gods down into Rome, and with nobilium he humanizes the deities as Roman aristocrats living on the expensive Palatine Hill*”³⁵ (ANDERSON, 1998, p. 169). Já os deuses menos importantes são descritos como a plebe. “*If some gods are like Roman aristocrats, others must resemble Subura, Campus Martinus, or areas farther from the city center*”³⁶ (*ibidem*). Trata-se, portanto, de um equivalente do sistema social romano à estrutura social olímpica.

³⁴ Reforça-se que o espondeu é considerado um pé mais lento; o dátilo, mais rápido. Horácio (hex. 255), em sua *Arte Poética*, qualifica o espondeu com dois adjetivos: “*tardior (...) paulo grauiorque (...)*”, isto é, “mais lento e um pouco mais solene”. Por oposição, logo, o dátilo é mais rápido e um pouco menos solene. Portanto, a escolha em construir um verso com, majoritariamente, pés dátilos é expressiva, uma vez que provoca, pelo plano métrico, um efeito de rapidez, em que a expressão se homologa ao conteúdo.

³⁵ “Ovídio imerge os deuses sublimes em Roma, e, com o *nobilium*, humaniza as divindades como aristocratas romanos que vivem no dispendioso Monte Palatino”.

³⁶ “Se alguns deuses são como aristocratas romanos, outros devem ser parecidos com a *Subura*, o *Campus Martinus*, ou áreas mais distantes do centro da cidade”.

A semelhança entre o universo político romano e o mítico pode ser verificada, também, em âmbito religioso. Ainda a seguir, nos versos 173 e 174,

(...) *a fronte*
potentes Caelicolae circaque suos
posuere penates

(...) na frente e nas imediações,
 os deuses potentes dispuseram os seus penates

pode-se notar que os deuses, assim como os romanos, têm os seus penates. Em relação a eles, em um sentido geral, Commelin ([19--], p. 128) afirma que:

Os povos, nas suas migrações, não esqueciam de levar com eles, não somente o culto de seu país de origem, como principalmente as estátuas antigas, veneradas pelos seus antepassados. Esses ídolos ficavam sendo uma espécie de talismã nos novos Estados ou nas novas cidades, e eram chamados os deuses Penates. O culto desses deuses é originário da Frígia e da Samotrácia. Tarquínio, o Antigo, instituído na religião dos Cabiros, elevou um só templo a três divindades Samotrácias que mais tarde se chamaram os Penates dos romanos. As famílias escolhiam livremente os seus Penates entre os grandes deuses ou os grandes homens deificados. Esses deuses, que é preciso não confundir com os deuses Lares, transmitiam-se como herança de pais a filhos. Em cada habitação reservavam-lhes um lugar, ao menos um retiro, quase sempre um altar e algumas vezes um santuário.

Assim, nota-se, nesses versos, para além de um paralelo, uma transposição das práticas de culto social romanas ao universo divino, tornando “cósmico” o modo de vida romano, bem como a organização da sociedade. Em “*posuere penates: again, Ovid mixes the theoretically separable spheres, by taking an expression that fits normal human behavior – Roman homes all revere their household gods – and applying it to gods – who obviously do not worship other gods*”³⁷ (ANDERSON, 1998, p. 169). Ou seja, Ovídio imprime aos deuses do Olimpo um comportamento tipicamente romano. Por fim, Anderson ainda afirma: “*In 5.496, the spring-deity Arethusa also has her own Penates*”³⁸, demonstrando certa ocorrência entre o comportamento religioso dos deuses e do homem romanos, em outro trecho das *Metamorfoses*. Em suma, na descrição do mundo celeste, pode-se perceber um padrão de equivalência do mundo romano, seja social – uma vez que haja deuses da aristocracia – seja religioso (*posuere penates*) – já que os deuses possuem penates.

Em seguida, nos versos 175 a 179, Ovídio descreve, com vigor imagético, Júpiter, após ter sentado no lugar mais alto, com o cetro de marfim, sacudindo a cabeça e movendo a terra,

³⁷ “*posuere penates*: novamente, Ovídio mistura as esferas teoricamente separáveis, valendo-se de uma expressão que se encaixa no comportamento humano normal – as casas romanas reverenciam todos os deuses domésticos – e aplicando-a aos deuses – que obviamente não adoram outros deuses”.

³⁸ No verso 496 do Livro V, Aretusa, a divindade das fontes, também tem seus próprios Penates.

o mar e as estrelas, isto é, todos os três principais reinos da natureza. Tem-se, na passagem, um deus onipotente com uma força extrema e descontrolada, já que, pelos vários movimentos dos cabelos (enfoque do olhar ovidiano que prioriza os detalhes das figuras), ele move o cosmo junto. “*For Ovid, Jupiter regularly lacks self-control*”³⁹ (ANDERSON, 1998, p. 170). Da mesma forma, Segal (2001, p. 80) afirma que, em Ovídio, as ações de Júpiter são mais intensas do que o Zeus de Homero. Tem-se, em suma, uma hipérbole, haja vista a metonímia, que torna Júpiter uma figura divina mais assustadora, passional e grandiosa, definindo o seu *éthos* como orador que convence, também, pelo temor.

Nos versos 180 a 196, há a fala de Júpiter que justifica, persuadindo os ouvintes, a necessidade de aniquilar a humanidade. O deus olímpico é persuasivo, tal qual um orador que precisa comover os ouvintes e preocupa-se com a arte de bem falar.

Júpiter, como orador, quer garantir a sua imagem de autoridade ao seu público, discursando de modo verossimilhante. O deus afirma, por exemplo, que “*Cuncta prius temptata*”⁴⁰. Além disso, a fim de garantir a honestidade e a verdade do discurso, o deus jura aos rios infernais, expressão linguística, entre os deuses, que assegura a verdade sob qualquer hipótese. Vale lembrar, afinal, que jurar ao Estige, um dos rios infernais, é a garantia de que não há mentiras. “Quando Júpiter jura pelo Estige, a sua palavra é irrevogável” (COMMELIN, [19--], p. 137).

Em seguida, profere uma máxima, como técnica da arte de discursar:

(...) *sed inmedicabile*
uulhusense recidendum est, ne pars sincera
trahatur

(...) mas a ferida incurável
deve ser cortada com a espada, para que não arruine a parte pura

O deus punidor estabelece a sentença contra a humanidade: é “pela espada”, isto é, por métodos violentos, que o problema dos crimes humanos deve ser solucionado. Assim, o deus orador julga um réu, Licaão – que representa a humanidade – e estabelece uma sentença de morte. Nota-se, na passagem, o tom jurídico-penal. Por isso, “o julgamento de Licaão é a primeira de várias histórias mitológicas em um texto que embaça as linhas entre crime e punição, verdade e justiça”⁴¹ (BALSLEY, 2011, p. 60).

³⁹ “Para Ovídio, Júpiter regularmente tem perda de autocontrole”.

⁴⁰ “Já se tentou de tudo”.

⁴¹ No original: “*The trial of Lycaon is the first of many mythological stories in a text that blurs the lines between crime and punishment, truth and justice.*”

Tendo em vista a proposta do discurso de Júpiter, pode-se considerar, em termos retóricos, que o gênero do discurso de Júpiter é judiciário ou forense, uma vez que se acusa, seja Licaão, seja, por extensão, toda a humanidade. Nele, por fim, estabelece-se uma sentença, em relação aos fatos passados, que foram os crimes da raça humana até Licaão.

O discurso judiciário ou acusa ou defende, tem como valores: o justo e o injusto. O auditório convertido em juiz ou condena ou absolve, pois há sempre um réu que será declarado culpado ou inocente. Quanto ao tempo, o discurso judiciário se volta para um fato passado. Só se acusa ou se defende, só se condena ou absolve alguém de um fato passado (TRINGALI, 1988, p. 55).

Licaão é o réu, que representa, por generalização, a humanidade ímpia. Os deuses são o público de Júpiter que, movidos pelo *lógos* e pelo *páthos*, crente no *éthos* do deus, condena o réu. Já o espaço do discurso, muito bem descrito pelo poeta, é o Olimpo, mais especificamente, a “casa real” (*regalem domum*), onde se expõe o discurso forense de Júpiter, orador contrário à humanidade não devota aos deuses.

Ainda mais, segundo Aristóteles, a retórica judicial diz respeito à acusação ou à defesa. Mais especificamente, refere-se aos problemas frutos da maldade e da intemperança. “Os motivos pelos quais premeditadamente se causa dano e procede mal em violação da lei são a maldade e a intemperança; pois, se algumas pessoas têm um ou mais vícios, naquilo em que são viciosas são também injustas (...)” (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1369a). Licaão é o exemplo máximo de dano e vício, segundo o próprio relato do deus.

Em seguida, Júpiter – como um Cícero discursando contra Catilina⁴² – convence o seu público, composto por deuses, pelo temor:

*An satis, o superi, tutos fore creditis illos,
Cum mihi, qui fulmen, qui uos habeoque
regoque, Struxerit insidias notus feritate
Lycaon?*

Acaso, ó deuses, acreditai que estarão suficientemente a salvos, depois de Licaão, famoso pela selvageria, ter maquinado insídias contra mim, que tenho o raio e que vos guio?

O deus demonstra a seu público o perigo que os homens, cruéis, oferecem ao mundo divino, tomando como exemplo Licaão, representante de todo mal. Júpiter, afinal, generaliza a sua experiência na Terra com os homens na figura de Licaão, uma história que será contada

⁴² Faz-se uma comparação livre com os famosos discursos de Cícero, que instaurou um grande temor em seu público de senadores, contra o opositor Catilina.

como exemplo da decadência humana (ANDERSON, 1998, p. 171)⁴³. Júpiter, portanto, posiciona-se como um orador, tal qual um Cícero ou um Catão, o velho, como quisesse lembrar o modelo do senado romano, em que o assunto da *Vrbs* era discutido em público, pelos principais representantes.

Júpiter, comovendo o público pela emoção, encerra o seu primeiro momento do discurso com uma pergunta retórica, a fim de surtir efeito persuasivo. Logo em seguida de sua pergunta, o público de deuses inflama-se e deseja, comovido, a punição de Licaão e, por consequência, da humanidade.

Nota-se, logo, que a destruição da raça humana é movida pelo temor dos deuses, amedrontados com os crimes e com a falta de devoção dos homens. Tanto é assim que Ovídio compara, nos versos 198 a 201, a situação crítica em que vivem os deuses com a política romana, haja vista o terror da guerra civil, que representa o clímax da decadência dos principais valores romanos, como a piedade. Estabelecem-se, portanto, símiles retóricos.

(...) *Sic, cum manus impia
saeuit Sanguine Caesareo Romanum
extinguere nomen, Attonitum tanto subitae
terrore ruinae Humanum genus est
totusque perhorruit orbis.*

(...) Assim, quando a mão ímpia
exasperaem extinguir o nome de Roma com o
sangue de César,
a raça humana ficou atônita com tamanho
medo de súbita destruição, e todo o mundo
estremeceu.

Nesse trecho, Anderson comenta: “*the poet moves into an anachronistic simile that compares Jupiter/Lycaon and Augustus/impious plotter*”⁴⁴ (ANDERSON, 1998, p. 172). Ou seja, existe uma legitimação cósmica entre a organização política dos deuses com a dos romanos. Ademais, Anderson sugere que “*sanguine Caesareo*”⁴⁵ refira-se a Augusto como sobrinho de Júlio César (ANDERSON, 1998, p. 172). No caso, o intuito da comparação é demonstrar que um possível ataque a Júpiter, tal qual a Augusto, levaria o criminoso à punição fatal. Compara-se Júpiter a Augusto como propaganda política do imperador (*ibidem*). Portanto, esses versos

⁴³ “*Jupiter comes to the point. He is generalizing from his own experience on earth. If a man has tried to kill him, the supreme deity, then how will mere demigods be safe from human beings? The gods let themselves be overwhelmed by Jupiter’s rhetoric (...)*” (ANDERSON, 1998, p. 171). “Júpiter chega ao ponto. Ele está generalizando a partir de sua própria experiência na terra. Se um homem tentou matá-lo, a divindade suprema, então como os meros semideuses estarão a salvo dos seres humanos? Os deuses se deixam dominar pela retórica de Júpiter (...).”

⁴⁴ “o poeta se move para uma símile anacrônica que compara Júpiter/Licaão e Augusto/ímpio conspirador.”

⁴⁵ “com o sangue de César”.

reforçam, tematicamente, o temor como argumento passional que justifica a sentença contra os homens. Os deuses temem, logo, punem.

Em seguida, a partir do hexâmetro 207, Júpiter relata a história de Licaão, que cometeu o crime da desconfiança e da crueldade contra o pai olímpico, representando a impiedade humana. Ovídio vale-se do gancho narrativo para contar, por meio da voz de Júpiter, mais uma história de transformação. Mais especificamente, relata-se a zoomorfização de Licaão em lobo, figura que representa o caráter dos homens: violento e sanguinário. “O lobo é sinônimo de selvageria” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 555).

Vale perceber, também, que a história de Licaão é a primeira metamorfose humana. Até esse momento da história, contaram-se as transformações do mundo (ANDERSON, 1998, p. 173), com ênfase na triagem, na mistura, na junção e na enformação dos elementos ou raízes primordiais do mundo, isto é, os quatro elementos (água, ar, fogo e terra), e das coisas e dos seres. O homem, já enformado, passa a ser transformado, modalidade de metamorfoses predominante em toda a obra. A primeira metamorfose do homem, assim, é provocada por um deus, no caso, Júpiter, a fim de punir. Ou seja, o homem é, pela primeira vez, transformado para ser castigado. E transformar-se em lobo é assumir, na forma, a essência de sua ferocidade, despedindo-se de seu aspecto anterior, no caso, humano. O corpo de lobo (concreto, visível), portanto, é a expressão da índole (abstrato, anímico) de Licaão. Transformar-se em lobo (a expressão física de sua natureza) revela, pois, a selvageria do homem. Em suma, muda-se o corpo, mas conserva-se a índole.

Após um discurso persuasivo, Júpiter firma a sua sentença, nos versos 241 e 242:

*In facinus iurasse putes. Dent ocius
omnes, Quas meruere pati (sic stat
sententia), poenas*

Penses ter conspirado contra o crime: que entreguem rapidamente todos, que merecem sofrer castigos (assim firmo o decreto)

Pela segunda vez, Júpiter usa a segunda pessoa do singular (*putes*), com intuito retórico de persuasão. Ordena a execução do decreto, considerando que todos os mortais devem sofrer. Assim, o deus, com o exemplo de Licaão, sai do plano individual e generaliza os crimes a toda a humanidade, como se Licaão representasse-a (ANDERSON, 1998, p. 175). Vale ressaltar uma oposição entre o comportamento moral das pessoas comuns, que recebem Júpiter acreditando que seja um deus sob forma humana, e Licaão, um rei, representante da aristocracia, que desdenha do imortal.

Signa dedi uenisse deum uilgusque precari

Cooperat. Irridet primo pia uota Lycaon;

Dei sinais de que um deus chegava, e o povo começara a rezar. Licaão, primeiramente, ri das preces sagradas.

Sugere-se o respeito aos deuses como um comportamento mais presente nas camadas mais populares, diferentemente das classes altas (ANDERSON, 1998, p. 174)⁴⁶. Afinal, é o ato ímpio da realeza – a impiedade de Licaão – que move a sentença de Júpiter e a opinião dos deuses. Em outras palavras, é pelas más ações do rei ou da classe mais alta que a humanidade é representada e julgada. Por essa elite, todos sofrem.

Enfim, o público é persuadido pelo deus olímpico e comove-se, inflando os ânimos, haja vista o discurso retórico, como apontam os versos 242 e 243.

*Dicta Iouis pars uoce probant stimulosque
frementiadiciunt, alii partes assensibus
implent.*

Aprovam, uma parte com voz alta, as palavras de Jove e lançam incitamentos; já outras partes rematam com aplausos.

Os deuses, porém, apesar de persuadidos no ânimo, preocupam-se com um fator principal: quem venerará os seus templos, não tendo humanidade? Como se os deuses necessitassem dos homens para serem venerados – afinal não haverá quem leve incenso aos altares (I, 248-249) – eles temem o futuro. Demonstra-se, portanto, um nível de interesse dos seres superiores com os homens.

Em suma, devido, principalmente, ao medo de não haver culto a eles, os deuses hesitam quanto à destruição da humanidade. No entanto, Júpiter garante que haverá outra geração, de melhor origem daquela que nasce do sangue dos gigantes. Ou seja, primeiro ele convence seu público pelo *páthos*, inflamando os ânimos; em seguida, pelo *lógos*, propondo medidas que dissolvam as hesitações, como a proposta de uma nova raça. O Júpiter-orador, inclusive, estabelece provas lógicas indutivas, como o exemplo de Licaão, a fim de justificar a necessidade de destruir a humanidade.

A prova por meio de exemplo é indutiva, uma espécie particular de indução, própria da Retórica. A Indução aristotélica vai do particular ao geral, de indivíduos suficientemente enumerados se generaliza, se universaliza (...). A partir do exemplo, o orador elabora um raciocínio. O exemplo prova porque subentende um raciocínio (TRINGALI, 1988, p. 73).

⁴⁶ “The story contrasts the pious response of the ordinary people with the sneering disbelief of Lycaon ” (ANDERSON, 1998, p. 174). “A história contrasta a resposta piedosa da população com a incredulidade desdenhosa de Licaão.”

Aristóteles, em sua Retórica, define as provas de persuasão, como componentes da Retórica: *éthos*, *lógos* e *páthos*. Diz o estagirita: “As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1356a). Assim, aquela que reside no caráter moral do orador pode ser identificado como o *éthos*; já na disposição do ouvinte, o *páthos*; a inteligibilidade ou lógica dos argumentos do discurso, o *lógos*.

Pode-se notar, nesse episódio, que Júpiter, tendo jurado pelos rios infernais, sendo o deus onipotente, tem a competência de estabelecer, no discurso, um *éthos* inquestionável. Ele é o detentor da moral, da justiça, da razão, do caráter, da verdade, entre outras características próprias do pai dos deuses.

O *éthos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas se liga à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo. As virtudes morais, a boa conduta, a confiança que tanto umas quanto outras suscitam conferem ao orador uma autoridade. O *éthos* é o orador como princípio (e também como argumento) de autoridade (MEYER, 2007, p. 35).

Assim, Júpiter é uma representação poética de um modelo de orador, haja vista a importância e a tradição oratória na sociedade augustana. O seu *éthos* é indubitável, sendo o deus a maior autoridade do Cosmo. No entanto, não são os elementos anteriores ao discurso que consagram o *éthos* de Júpiter; é, senão, o seu próprio discurso que garante a honestidade de quem fala. Não é gratuito, por exemplo, o fato de ele jurar pelos rios infernais. Quer o deus, pois, garantir a sua autoridade e a sua verdade. A sua postura também atesta a autoridade de quem discursa, haja vista uma das partes do discurso: a ação ou execução. “A essência do discurso se completa na sua execução” (TRINGALI, 1988, p. 98).

Em se tratando de um texto escrito e ficcional, não se pode ter, de fato, o vislumbre da ação do deus-orador. No entanto, há marcas no texto que sugerem uma ação oratória de extrema autoridade, como nos versos 175 a 178, em que o movimento da cabeça de Júpiter move terra, mar e estrelas. Também, Ovídio descreve o imenso poder do orador divino tendo em vista os seus gestos, nos versos 203 a 206:

(...) *Qui postquam uoce
manuqueMurmura compressit, tenuere
sientia cuncti.
Substitit ut clamor pressus grauitate regentis,
Iuppiter hoc iterum sermone silentia rupit:*

(...) Depois que, com a voz e com a mão,

acalmou os murmúrios, todos fizeram silêncio.
Quando o clamor parou, contido pela autoridade do
regente, Júpiter quebrou, novamente, o silêncio do
discurso.

Júpiter, portanto, domina o seu público, pela ação. Demonstra, pois, total controle sobre ele, tal qual um imperador. O seu *éthos* é inquestionável; a sua performance, calculada, favorecendo a persuasão do discurso.

O deus-orador também é eficiente em comover o público. O *páthos* de sua retórica transforma os ânimos, como se o discurso propiciasse a metamorfose das emoções do público. A retórica, pois, como técnica de transformar persuadindo, ganha relevo nesse momento. Assim, na cosmogonia do Livro I, o discurso ou a palavra também se mostra importante, inserido no contexto da metamorfose, talvez mais do que personagens em si. O discurso, afinal, é capaz de provocar transformações, seja do ânimo do público, seja do pensamento. Por conseguinte, a ação verbal do deus supremo resulta no dilúvio, história central da metamorfose da própria humanidade. Em conclusão, a palavra foi responsável pela metamorfose dos ânimos e do pensamento, mas também do próprio mundo e da geração humana.

Júpiter, ademais, manipula os deuses também pelo *páthos*. “Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1356a). A eficiência de seu discurso pode ser comprovada com o hexâmetro 197 e o 198:

*Confremuere omnes studiisque ardentibus
ausum Talia deposcunt.*

Todos murmuraram e, com opiniões
inflamadas, exigem a pena de quem ousou
tais coisas.

O público, logo, apoia a sentença do grande juiz, cujo discurso, de cunho forense, julga Licaão, que representa a humanidade. A figura do rei da Arcádia torna-se fundamental para a construção do discurso, uma vez que o réu é necessário. Não seria possível, em termos de argumento, julgar a humanidade em si, como um todo. A figura do criminoso garante a coerência do discurso do deus-juiz e favorece, para a narrativa, as questões retóricas.

Em suma, não se poderia, pois, julgar, com exatidão e justiça, a humanidade. Para o leitor, Licaão representando a humanidade torna-se o melhor réu, pois demonstra, em si, os grandes crimes humanos.

Já em relação ao *lógos* – a inteligibilidade ou a lógica do discurso – pode-se observar um

Júpiter, apesar de passional e furioso, comprometido com a verossimilhança do seu discurso. Ele, apesar de se enfurecer, planeja o discurso. “Persuadimos, enfim, pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular” (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1356a).

Desde o hexâmetro 209 até o 239, em que Júpiter narra a história de Licaão, tem-se uma preocupação de um relato fidedigno, a fim de garantir o convencimento. Júpiter desce à região da Arcádia, sob forma de homem, para ter provas da necessidade do extermínio humano. Ademais, a narrativa agrada ao público, pelo modo como Júpiter narra, favorecendo a adesão do discurso.

Assim, Júpiter convence o seu público, valendo-se dos componentes da Retórica, com uma técnica excelente. Com os deuses persuadidos, em unanimidade, o deus olímpico inicia o seu programa de renovação da humanidade, pelo dilúvio. Tem-se, portanto, nesse episódio, a metamorfose dos ânimos, das opiniões transformadas pela retórica eficiente do deus-orador. Ademais, narra-se a primeira transformação humana: a de Licaão em lobo, figura que simboliza, em diálogo com a Idade de Ferro e com sua origem nos gigantes, a raça humana: feroz e sanguinária.

Referências

- ANDERSON, William S. Edition, Introduction and Commentary. In: OVID. **Ovid’s Metamorphoses**. Books 1-5. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1998.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins fontes, 2012.
- BALSLEY, K. Truthseeking and Truthmaking in Ovid's Metamorphoses 1.163–245. **Lawand Literature**, California, v. 23, n. 1, p. 48-70, 2011.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- CICÉRON. **L’orateur**. Du meilleur genre d’orateurs. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Les belles lettres, 1964.
- COMMELIN, P. **Mitologia Grega e Romana**. Tradução de Thomaz Lopes. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--].
- FERRARI, Anna. **Dizionario di mitologia greca e latina**. Torino: UTET, 1990.
- HOLZBERG, Niklas. Ter Quinque Volumina as Carmen Perpetuum: The Division into Books in Ovid's Metamorphoses. **Materiali e Discussioni per l’analisi Dei Testi Classici**, Pisa, n.

40, p. 77-98, 1998.

HORÁCIO. **Arte Poética**. Introdução, Tradução e Comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.

HOWATSON, M. C. **The Oxford Companion to Classical Literature**. New York: Oxford Press, 2005.

MERLI, Elena. On the number of books in Ovid's *Metamorphoses*. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v. 54, n. 1, p. 304-307, 2004.

MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

OVIDE. **Les Métamorphoses**. Tome I (I-V). Text établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Bocage; introdução de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Hedra, 2000.

SARAIVA, F. R. dos S. **Novíssimo dicionário latino-português**. 11 ed. (fac-similar). Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SEGAL, Charles. Jupiter in Ovid's "Metamorphoses". **Arion**, Boston, v. 9, n. 1, p. 78-99, 2001.

TRINGALI, Dante. **Introdução à Retórica** (A Retórica como Crítica Literária). São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VEIGA, Paulo Eduardo de Barros. **A Cosmogonia nas Metamorfoses de Ovídio**: um estudo sobre as figuras da origem do mundo, com Tradução e Notas. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

ANEXO – Texto latino e tradução de Bocage

A seguir, encontram-se o texto latino estabelecido por Lafaye, nas edições *Les Belles Lettres* e, ao lado, a tradução do poeta português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), publicado pela editora Hedra, com estudo de João Angelo Oliva Neto. A tradução de Bocage, em sua inventividade, propicia ao leitor uma dimensão artística do texto ovidiano. Notem-se, nos versos decassílabos de Bocage, os efeitos expressivos em diálogo ao texto de partida. Por fim, aponta-se que não há correspondência horizontal entre as colunas, verso a verso, senão uma disposição contínua, em que, por serem sistemas poéticos distintos (hexâmetros e decassílabos), o texto português expande-se mais verticalmente, em relação ao texto latino.

- | | |
|---|---|
| <p><i>Quae pater ut summa uidit Saturnius arce,
Ingemit et, facto nondum uulgata recenti</i>
165 <i>Foeda Lycaoniae referens conuiuia mensae,
Ingentes animo et dignas Ioue concipit iras
Conciliumque uocat; tenuit mora nulla uocatos.
Est uia sublimis, caelo manifesta sereno;
Lactea nomen habet, candore notabilis ipso.</i>
170 <i>Hac iter est superis ad magni tecta Tonantis
Regalemque domum. Dextra laeuaque deorum
Atria nobilium ualuis celebrantur apertis.
Plebs habitat diuersa locis; a fronte potentes
Caelicolae circaque suos posuere penates.</i>
175 <i>Hic locus est quem, si uerbis audacia detur,
Haud timeam magni dixisse Palatia caeli.
Ergo ubi marmoreo superi sedere recessu,
Celsior ipse loco sceptroque innixus eburno
Terrificam capitis concussit terque quaterque</i>
180 <i>Caesariem, cum qua terram, mare, sidera mouit.
Talibus inde modis ora indignantia soluit :
“Non ego pro mundi regno magis anxius illa
Tempestate fui qua centum quisque parabat
Inicere anguipedum captiuo bracchia caelo.</i>
185 <i>Nam quamquam ferus hostis erat, tamen illud ab uno
Corpore et ex una pendebat origine bellum.
Nunc mihi, qua totum Nereus circumsonat orbem,
Perdendum est mortale genus. Per flumina iuro
Infera, sub terras Stygio labentia luco,</i>
190 <i>Cuncta prius temptata; sed inmedicabile uulnus
Ense recidendum est, ne pars sincera trahatur.
Sunt mihi semidei, sunt rustica numina, nymphae
Faunisque Satyrique et monticolae Siluani;
Quos, quoniam caeli nondum dignamur honore,</i>
195 <i>Quas dedimus certe terras habitare sinamus.
An satis, o superi, tutos fore creditis illos,
Cum mihi, qui fulmen, qui uos habeoque regoque,
Struxerit insidias notus feritate Lycaon? ”
Confremuere omnes studiisque ardentibus ausum</i>
200 <i>Talia deposcunt. Sic, cum manus inopia saeuit
Sanguine Caesareo Romanum extinguere nomen,
Attonitum tanto subitae terrore ruinae Humanum
genus est totusque perhorruit orbis.</i></p> | <p>Satúrnio viu dos Céus estas maldades,
Gemeu, e recordando um ímpio caso,
Inda não divulgado, inda recente,
O atroz festim da Licaônia mesa,
Iras concebe o deus dignas de Jove,
E o conselho imortal convoca à pressa,
Que à pressa congregado acode ao mando.
Há nos Céus um caminho alto, e patente
(A nímia candidez o faz notável),
Lácteo se chama; vão por ele os numes,
Os graves cortesãos do grão Tonante
À morada real. Dum lado e doutro
Dos deuses principais os lares brilham,
Abertas as fulgentes, grandes portas.
Deuses menores outro espaço habitam,
E os potentes celícolas supremos
À frente os seus Penates colocaram.
Este, a caber na voz audácia tanta,
O Palácio dos Céus apelidara.
Em marmóreo salão juntos os deuses,
Todos depois de Júpiter se assentam,
Que em lugar sobranceiro, e sobreposta
A fulminante mão no eúrneo cetro,
Por três, e quatro vezes meneando
Espantosas melenas, com que abala
A Terra, o mar; e os céus, tais vozes solta
Com fera indignação: “Maior cuidado
O mundo me não deu naquela idade
Em que a turba de anguipedes gigantes
Queria o Céu romper com braços cento;
Que ainda que era multidão terrível,
Hoste feroz, contudo dum só corpo,
E de uma origem só pendia a guerra.
Eis-me num tempo agora em que é forçoso
Fazer tremenda, universal justiça,
Perder a humana estirpe em tudo, em tudo
Quanto abraça Nereu circunsonante.
Subterrâneas, tristíssimas correntes,
Correntes que lambeis o estígio bosque,
Até juro por vós que ao mal infando
Mil remédios em vão tentei primeiro!</p> |
|---|---|

- Nec tibi grata minus pietas, Auguste, tuorum est*
 205 *Quam fuit illa Ioui. Qui postquam uoce manuque*
Murmura compressit, tenuere silentia cuncti.
Substitit ut clamor pressus grauitate regentis,
Iuppiter hoc iterum sermone silentia rupit:
"Ille quidem poenas, curam hanc dimittite, soluit.
 210 *Quod tamen admissum, quae sit uindicta, docebo.*
Contigerat nostras infamia temporis aures;
Quam cupiens falsam, summo delabor Olympo
Et deus humana lustru sub imagine terras.
Longa mora est, quantum noxae sit ubique repertum,
 215 *Enumerare; minor fuit ipsa infamia uero.*
Maenala transieram latebris horrenda ferarum
Cyllene gelidi pineta Lycaei;
Arcadis hic sedes et inhospita tecta tyranni
Ingredior, traherent cum sera crepuscula noctem.
 220 *Signa dedi uenisse deum uulgusque precari*
Cooperat. Irridet primo pia uota Lycaon;
Mox ait: "Experiar, deus hic, discrimine aperto,
An sit mortalis. Nec erit dubitabile uerum."
Nocte grauem somno necopina perdere morte
 225 *Me parat; haec illi placet experientia ueri.*
Nec contentus eo est; missi de gente Molossa
Obsidis unius iugulum mucrone resoluit
Atque ita semineces partim feruentibus artus
Mollit aquis, partim subiecto torruit igni.
 230 *Quod simul imposuit mensis, ego uindice flamma*
In domino dignos euerti tecta penates.
Territus ipse fugit nactusque silentia ruris
Exululat frustra que loqui conatur; ab ipso
Colligit os rabiem solitaeque cupidine caedis
 235 *Vtitur in pecudes et nunc quoque sanguine gaudet.*
In uillos abeunt uestes, in crura lacerti;
Fit lupus et ueteris seruat uestigia formae.
Canities eadem est, eadem uiolentia uultus,
Idem oculi lucent, eadem feritatis imago est.
 240 *Occidit una domus; sed non domus una perire*
Digna fuit; qua terra patet, fera regnat Erinys;
In facinus iurasse putes. Dent ocium omnes,
Quas meruere pati (sic stat sententia), poenas."
Dicta Iouis pars uoce probant stimulosque frementi
 245 *Adiciunt, alii partes assensibus implent.*
Est tamen humani generis iactura dolori
Omnibus et, quae sit terrae mortalibus orbae
Forma futura, rogant, quis sit laturus in aras
Tura, ferisne paret populandas tradere terras.
 250 *Talia quaerentes, sibi enim fore cetera curae,*
Rex superum trepidare uetat sobolemque priori
Dissimilem populo promittit origine mira.

Mas incurável chaga exige o ferro,
 Cortada cumpre ser porque não lavre,
 Porque não fique o são também corrupto.
 Há, porém, semideuses entre os homens,
 Campestres numes há, Faunos, e Ninfas,
 Sátiros, e os montícolas Silvanos:
 Todos são atendíveis, todos nossos.
 Se ainda honrá-los no Céu não nos aprove,
 Nas dadas terras é dever que habitem.
 Mas podereis pensar que estão seguros.
 Ó deuses, quando a mim, que empunho o raio,
 A mim, que vos dou leis, tramou ciladas
 Licaón, o afamado em tirania?"
 Nesta interrogação freme o congresso:
 Querem todos o réu da enorme audácia,
 Em vinganças fervendo o pedem todos.
 Assim, quando ímpia mão queria extinto
 De Roma o nome no Cesáreo sangue,
 Pelo terror da súbita ruína
 Atônita ficou a espécie humana,
 Todo o mundo tremeu de horrorizado.
 Augusto, então dos teus não menos grata
 A ternutra te foi, que a Jove aquela.
 Depois que ao grão sussurro impôs silêncio
 Coa mão, e a voz, emudeceram todos.
 Sufocado o furor no acatamento,
 O monarca dos Céus assim prossegue:
 "Cuidado vos não dê a ação nefanda,
 O sacrílego autor já foi punido:
 Direi primeiro o crime, e logo a pena.
 Do corrompido século as infâmias
 Subiram-me à notícia: desejoso
 De achar falso o que ouvi, baixei do Olimpo,
 E a Terra discorri com face humana.
 Relevava ocupar moroso espaço
 Na feia narração do que hei sabido,
 De horrores, que encontrei por toda a parte:
 Era a verdade enfim maior que a fama.
 Passado havendo o Mênalo abundoso
 De horrorosos covis, que alojam feras,
 O Cilênio de rochas carregado,
 E o frígido Liceu, que os pinhos c'roam,
 Do Arcádico tirano os lares busco,
 Entro os paços inóspitos já quando
 Negrejava o crepúsculo da noite.
 Dou mostras de que um deus era chegado,
 E votos pios me dirige o povo.
 Das preces Licáon se ri primeiro,
 Depois diz: - Saberei com prova inteira
 Se é deus, ou se é mortal. – Dispõe matar-me
 Quando os olhos tiver de sono oprimos:
 Da verdade lhe agrada esta experiência;
 E inda não pago disto, a espada infame
 Vibra contra a cerviz de um desgraçado
 Que dos Molossas em reféns houvera.
 Aos semivivos, palpitanes membros
 Parte amolecem as ferventes águas,
 As sotopostas brasas torram parte.
 Já nas mesas se impõe, mas de repente
 Coa destra vingadora o raio agito,
 Sobre o cruel senhor derrubo os tetos,
 Os tetos, e os Penates, dignos dele.

Para o silêncio agreste, agrestes sombras
Foge rapidamente, espavorido,
E querendo falar, uiva o perverso:
Colhem do coração braveza os dentes,
Co matador costume os volve aos gados:
Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.
A veste em pelo, as mãos em pés se mudam,
É lobo, e do que foi sinais conserva:
As mesmas cãs, a mesma catadura,
E os mesmos olhos a luzir de raiva.
Já uma habitação caiu por terra,
Mas digna de cair não é só uma.
Erínis senhoreia o mundo todo:
Parece que os humanos protestaram
Não ter mais exercício que o do crime!
A pena que merecem todos sintam;
Está dada a sentença:”E fica mudo.
O decreto de Jove alguns aprovam,
E à ira horrenda estímulos agregam;
Outros lhe prestam simplesmente assenso.
Dói a todos, porém, o imenso estrago,
Da triste humanidade o fim lhes custa:
Perguntam qual será da Terra a face,
Qual forma a sua, dos mortais vazia?
Quem há de às aras ministrar o incenso?
Será talvez o mundo entregue às feras?
O que dos homens foi será dos brutos?
Destarte os deuses o vindouro inquirem.
“Não temais (lhe responde o Rei superno)
Esse cuidado é meu, dispus já tudo:”
E melhor geração do que a primeira
Com portentosa origem lhes promete.

Recebido em: 20/08/2021

Aceito para publicação em: 08/11/2021